

O Globo

Brasil

'É uma irresponsabilidade admitir que esses médicos atendam', diz presidente de associação após resultado do Enamed

Dados divulgados pelo MEC apontam que 30% dos cursos avaliados tiveram desempenho insatisfatório, com menos de 60% dos alunos considerados proficientes

Por

*Lívia Nani** e

Felipe Gelani

— Rio de Janeiro

19/01/2026 19h38 Atualizado há 11 horas



Três em cada 10 cursos de medicina são reprovados no Enamed — Foto: Freepik

O presidente da Associação Médica Brasileira (AMB), César Eduardo Fernandes, afirmou que o resultado do Exame Nacional de Avaliação da Formação Médica (Enamed), divulgado nesta segunda-feira pelo Ministério da Educação (MEC), expõe uma situação “caótica” e que é

uma “irresponsabilidade” admitir que esses médicos atendam à população.

Dos 351 cursos de Medicina avaliados no Enamed, 107 (30%) tiveram desempenho insatisfatório, com menos de 60% dos alunos considerados proficientes. Do total, 99 instituições dos dois grupos serão alvo de processos administrativos de supervisão e poderão sofrer sanções que vão da proibição do aumento do número de vagas à redução de cadeiras e até à suspensão do vestibular.

De acordo com César Eduardo Fernandes, a preocupação com o desempenho dos formandos em Medicina já é histórica para a AMB, que destaca o aumento dos cursos criados no Brasil nos últimos 15 anos e a falta de capacidade para formar médicos com a “qualidade mínima necessária”.

— Já tínhamos essa intuição de que os médicos sairiam com formação bastante precária. Quando você fala desse número de 30%, você está falando de cerca de 13 mil médicos que saem com formação deficiente, legitimados a atender pacientes — afirma.

O pesquisador e especialista em gestão acadêmica e avaliação da aprendizagem Alexandre Nicolini afirma que o Enamed torna visível um problema estrutural que avaliações anteriores não conseguiam expor com precisão. Segundo ele, ao abandonar a lógica de comparação relativa usada no Enade, o novo exame passou a medir se os estudantes atingem um padrão mínimo de desempenho, o que ajuda a explicar o aumento no percentual de cursos e alunos abaixo do esperado.

— O Enamed mostra algo que o Enade não conseguia mostrar. Antes, a avaliação funcionava como uma corrida: alguém sempre tirava nota

alta porque o critério era relativo. Agora, o exame mede se o estudante atingiu um padrão mínimo. Quando você muda a régua, fica evidente o quanto estamos despreparados — afirma o pesquisador e especialista em gestão acadêmica Alexandre Nicolini.

Fernandes defende que esses profissionais não deveriam exercer a profissão e considera “irresponsabilidade” admitir que atendam à população.

— Nenhum de nós quer que esse médico nos atenda, atenda os nossos filhos. Portanto, nós não podemos admitir que esses médicos atendam à população — pontua.

A partir das notas dos estudantes, os cursos foram classificados em faixas que vão de 1 a 5. O presidente chama a atenção não apenas para aqueles que ficaram com notas até 2, mas também para os que se consolidaram como intermediários, com nota 3.

— O conceito 3 é aquele que está entre o ruim e o bom. Não atinge as condições mínimas necessárias para atender à população. Ou seja, 50% dos médicos que estamos formando não têm conceito bom. É uma situação caótica já prevista pela AMB há muito tempo. O cenário de hoje é extremamente preocupante — afirma.

Nicolini chama a atenção para um dado que considera ainda mais preocupante: mesmo entre os cursos que obtiveram conceito 3 ou superior, uma parcela significativa dos alunos não atingiu o nível de proficiência.

— Eles passam pelo curso, mas não demonstram domínio suficiente para o exercício profissional. A maioria das questões do Enamed envolve resolução de problemas clínicos; se o estudante não consegue fazer isso na prova, dificilmente vai conseguir fazer na vida real.

As instituições com maus resultados têm até 30 dias para justificar. Para Fernandes, será necessária a criação de um corpo de auditores para fiscalizá-las de perto periodicamente e checar a evolução e a manutenção dos resultados, sem deixá-las “à própria sorte”.

Em nota enviada ao GLOBO, o presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM), José Hiran Gallo, alertou que os dados revelam um “problema gravíssimo”, que coloca em risco a saúde e a segurança da população.

“Quando mais de 13 mil egressos dos cursos de medicina obtêm desempenho considerado crítico e insuficiente pelo próprio MEC, estamos diante de um problema gravíssimo. São milhares de graduados em medicina que receberão diploma e registro para atender a população sem comprovarem ter competências mínimas para exercer a medicina. Isso coloca em risco a saúde e a segurança da população”, alertou o presidente.

‘OAB para médicos’

Aprovado na Comissão de Assuntos Sociais (CAS) do Senado em dezembro, um projeto de lei estabelece como requisito obrigatório para que médicos recém-formados possam atuar na profissão passar no Exame Nacional de Proficiência em Medicina (Profimed), uma espécie de “OAB para médicos”, em referência à prova aplicada a recém-graduados em Direito.